



CLÁUDIA PEREIRA

Bacharel em Sociologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, com pós-graduação em Antropologia pela UNB. Em 1981, associou-se à Candango Promoções Artísticas através da qual produziu, dirigiu, roteirizou e atuou em filmes, peças teatrais e shows musicais. Em 1991, fundou a Gabinete C, agência de propaganda que este ano comemora 22 anos criando campanhas publicitárias premiadas e consolidando marcas fortes.

cpereira@brasiliaemdia.com.br

VOCÊS JÁ OUVIRAM FALAR DE KENNETH GOLDSMITH? E O SITE UUBWEB, JÁ TIVERAM A CURIOSIDADE DE ACESSAR?

POIS BEM, GOLDSMITH E UBUWEB SÃO QUASE A MESMA ENTIDADE.

UM É FEITO DE CARNE E OSSO, O OUTRO, DE CARACTERES E PIXELS.

MAS OS DOIS TÊM A MESMA IDENTIDADE E REFLETEM A ARTE CONTEMPORÂNEA, ESTA LINGUAGEM QUE PROVOCA UM DIÁLOGO ENTRE ARTE E VIDA E VIDA E ARTE.



Fonte: Jornal Valor Econômico – caderno Eu e Fim de Semana, 22, 23, 24 de março; Anne Cauquelin, in: Arte Contemporânea; Katia Canton, in: Do Moderno ao Contemporâneo.

GOLDSMITH Vocês já ouviram falar de Kenneth Goldsmith? E o site UubWeb, já tiveram a curiosidade de acessar? Pois bem, Goldsmith e UbuWeb são quase a mesma entidade. Um é feito de carne e osso, o outro, de caracteres e pixels. Mas os dois têm a mesma identidade e refletem a arte contemporânea, esta linguagem que provoca um diálogo entre arte e vida e vida e arte.

ARTE CONTEMPORÂNEA Esta história de arte contemporânea começou lá atrás, quando Marcel Duchamp (1887-1968) resolveu enviar um urinol para figurar entre as obras a serem julgadas num concurso de arte promovido nos EUA. A escultura foi rejeitada pelo júri, mas Duchamp entrou para a história da arte com a criação do conceito de ready made. A ideia era levar para o campo da arte um elemento da vida cotidiana. De lá para cá passaram os dadaístas, Andy Warhol (1928-1987) e arte contemporânea chegou ao século XXI criando inter-relações entre as diferentes áreas do conhecimento. O tempo e a memória, o corpo, a identidade e o erotismo, o espaço, tudo pode pertencer ao universo da arte.

GENIAL OU CHARLATÃO Pois é, Kenneth Goldsmith é o poeta herdeiro desta corrente de pensamento. Visto como charlatão por alguns e genial por outros, Goldsmith reescreve a vida cotidiana. Suas obras são transcrições literais do que ele lê e ouve na mídia. Em seu livro *Day* (2003), ele transcreveu uma edição do *The New York Times*. Em outra obra, *The Weather*, ele reuniu boletins meteorológicos de um ano. Já no livro *Soliloquy* estão impressas todas as palavras que proferiu em uma semana.

TRANSMISSÕES LITERAIS Neste mês, ele lança *Seven American Deaths and Disasters*, com transmissões radiofônicas de sete momentos cruciais da história americana, como o assassinato de John F. Kennedy (1963) e de John Lennon (1980), a explosão do ônibus espacial Challenger (1986) e o 11 de setembro de 2001. Goldsmith diz que a obra com relatos de grandes desastres são peças carregadas de emoção porque pegam locutores de surpresa. Profissionais que deveriam transmitir as informações de forma objetiva se veem sem chão e misturam palpites e preconceitos: “(...) *Emoções e contradições humanas emergem nessas transmissões*”.

CULTURA REMIX Para Goldsmith, a imagem romântica do escritor inspirado e o conceito de originalidade são uma falácia. Ele cultiva o momento atual da cultura remix e arremata: “(...) *a beleza está no mundano*”. Provocador ou não, Kenneth Goldsmith é professor de Poesia e Prática na Universidade de Pennsylvania, uma das Ivy League – grupo restrito de universidades de alto prestígio nos EUA. Seus alunos são proibidos de criar textos. Eles devem copiar. Na sua visão, é da proibição que nasce o senso crítico que leva ao processo criativo.

REPETIÇÃO Segundo Goldsmith, a internet nos tornou conscientes do quão grande é o mundo, uma ideia diametralmente oposta ao conceito McLuhaniano de aldeia global: “(...) *não importa quantas vezes falemos as mesmas coisas, sempre parece haver alguém ouvindo aquilo pela primeira vez (...) Estamos procurando novos modos de escrita, que usam textos já existentes, que decidem usar as vozes de outros e tomar como próprias, repetindo o processo ad infinitum e refletindo a sala de espelhos digital que é a internet. Esta me parece ser uma maneira particularmente contemporânea de ser escritor*”.

GERENCIADORES DE INFORMAÇÃO Goldsmith não é bobo, não. Ele entende que, hoje, somos todos gerenciadores de informação, o que nos permite compreender conceitos e decidir se aquilo é útil ou não. Vivemos, ele diz, “(...) *numa época em que a tecnologia está transformando as regras do jogo em todos os aspectos de nossas vidas, é momento de questionar e derrubar tais clichês, colocá-los no chão, em frente a nós, para então reacender essas brasas apagadas para que sejam algo novo, contemporâneo, algo relevante*”.

MERCANTILISMO JOVEM O que preocupa Goldsmith é a visão mercantilista dos jovens de hoje. Ele conta que, numa conferência para jovens em Nova York, ele percebeu que a turma não estava interessada em ideias: “(...) *eles estavam interessados em vender livros pelo maior valor, queriam ter seus roteiros transformados em filmes de Hollywood... eles queriam dinheiro*”.

RECONHECIMENTO Além de professor numa renomada universidade americana e ter sido convidado pelo MOMA – Museu de Arte Moderna de Nova York para inaugurar, este mês, o programa “Artists Experiment”, Goldsmith foi chamado pela Casa Branca para proferir conferência para Barack e Michelle Obama. O tema foi a ponte do Brooklyn e a leitura de trechos do seu livro “Traffic”, transcrição de boletins de trânsito de Nova York.

TEMPO EFÊMERO Ao que tudo indica, a arte contemporânea é um caldeirão sem fim, porque insere no universo da arte o momento atual e a cultura mundana. Seus representantes vivem um tempo efêmero de reconhecimento, que pode durar segundos, minutos, horas, anos ou séculos. A história dirá.